

**A MASCULINIDADE E A SAÚDE MENTAL DOS
HOMENS NEGROS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA
DA LITERATURA**

Masculinity and mental health of black men: an integrative literature
review

Douglas Pereira Mendes
Graduando em Medicina.
Universidade Federal do Oeste da Bahia
Contato: douglas.m8143@ufob.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5731-7964>

Maria Lidiany Tributino de Sousa.
Doutora em Saúde Coletiva
Universidade Federal do Oeste da Bahia
Contato: maria.sousa@ufob.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2332-882>

Italo Ricardo Santos Aleluia.
Doutor em Saúde Coletiva
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Contato: italoaleluia@ufrb.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9499-6360>

Bruno Klecius Andrade Teles
Doutor em Saúde Coletiva
Universidade Federal do Oeste da Bahia
Contato: bruno.teles@ufob.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8518-5216>

Resumo: **Introdução:** A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas que possibilitou, além da dominação dos homens sobre as mulheres, um local de superioridade para com outros padrões de masculinidades previamente excluídos a partir das normas de gênero atribuídas ao sexo biológico. Nesse contexto, e partindo do pressuposto de que além de generificados, somos racializados, temos ambos, gênero e raça, influenciando no processo de adoecimento de homens, em especial, na sua saúde mental. **Objetivo:** o presente trabalho tem como objetivo analisar as produções, na literatura, a respeito dos efeitos da masculinidade hegemônica na saúde mental dos homens negros. **Metodologia:** trata de uma revisão integrativa da literatura, utilizando Scientific Electronic Library Online (SciELO) Web of Science, National Library of Medicine (PubMed/Medline) e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) como bases de dados para coleta que ocorreu entre Julho e Outubro de 2022. A partir dessa busca, foram selecionados 14 artigos, sistematizados em uma tabela com as informações centrais após a leitura exaustiva. **Resultados e discussões:** os estudos concordam que, para população de homens

negros, os determinantes de saúde mental vão passar tanto pelos estresses cotidianos referentes à discriminação racial, quanto pelos padrões de masculinidade que vão ditar para além do papel de provedor, aspectos da hipersexualização, da virilidade e da demonstração de força. Foram encontradas também relações entre os sofrimentos mentais e classe social. Outros estudos incluídos puderam contemplar os aspectos referentes à sexualidade na medida em que imprimem a presença do estigma relacionado à orientação e à identificação sexual como predito de sofrimento mental maior. **Conclusões:** foi possível determinar uma relação com aspectos da raça como determinantes de sofrimento mental, porém pela escassez de literatura nacional, pôde-se inferir que há necessidade de uma maior discussão sobre como o acolhimento para esses homens para que esse passe a acontecer de forma condizente com suas realidades no intuito de minimizar os efeitos deletérios na saúde mental, considerando que padrões hegemônicos de masculinidade fazem parte tanto da complexa sociogênese do sofrimento de homens como também interferem nas formas de cuidado desse público.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Saúde Mental. Saúde das Minorias Étnicas.

Abstract: Introduction: Hegemonic masculinity has been understood as a set of practices that not only enables the domination of men over women but also establishes a hierarchy among different forms of masculinity, often marginalizing those that do not conform to traditional gender norms associated with biological sex. In this context, it is important to recognize that individuals are both gendered and racialized, with both factors influencing the health of men, particularly their mental health. **Objective:** this study aims to analyze the literature on the effects of hegemonic masculinity on the mental health of black men. **Methodology:** an integrative literature review was conducted using the databases Scientific Electronic Library Online (SciELO), Web of Science, National Library of Medicine (PubMed/Medline), and Biblioteca Virtual da Saúde (BVS). This Data collection occurred between July and October 2022, resulting in the selection of 14 articles, which were systematically reviewed and summarized. **Results and discussions :** The reviewed studies indicate that for black men, mental health determinants can be seen through daily and stressful situations related to racial discrimination and societal expectations of masculinity. These expectations often involve roles such as being a provider, exhibiting hypersexualization, virility, and displaying strength. Additionally, the studies found a correlation between mental distress and social class. Some studies also addressed issues related to sexuality, noting that stigmatization related to sexual orientation can lead to increased mental suffering. **Conclusions:** The review identified a significant relationship between race and mental suffering. However, due to the limited national literature on this topic, there is a need for more extensive discussion and research to ensure that the care provided to black men aligns with their specific realities, thereby mitigating the negative impacts on their mental health. This is crucial as hegemonic standards of masculinity contribute to both the sociogenesis of men's suffering and the ways in which they receive care.

Keywords: Masculinity. Mental health. Health of Ethnic Minorities.

Introdução

Discutir as relações entre a masculinidade e a saúde dos homens negros, é partir do pressuposto que as pessoas são generificados e também racializados, sendo o gênero e a raça incidindo nos processos de subjetivação e nas relações de poder. Segundo Amaral (2021), masculinidades negras, foco do atual estudo, tendem a ser subalternizadas diante de um modelo hegemônico de masculinidade que privilegia homens brancos, com formação superior, oriundos das elites econômicas. Nesse viés, tanto o gênero quanto a raça vão influenciar no processo de adoecimento do homem.

De acordo com Alves (2018), o gênero pode determinar se um indivíduo corre o risco de desenvolver algum transtorno específico (como transtorno disfórico menstrual), mas também, pode influenciar na incidência e prevalência para determinados transtornos mentais e na possibilidade de que sintomas específicos de um transtorno sejam vivenciados ou identificados. Já a raça, vai admitir exigências de masculinidade que giram em torno da sua animalização e hiperssexualização, em uma visão do corpo negro como fator de exacerbação da virilidade, além de uma constante necessidade sexual. Tais exigências serão impostas como uma heterossexualidade compulsória, passando o homossexual negro, segundo Queiroz (2021), a ser tido como portador de um distúrbio moral, da alma ou da natureza, visto pelos outros como incapaz de proteger a raça, representando covardia, fraqueza e uma traição ao estereótipo do homem negro. Conquanto, para esse mesmo autor, ser gay e negro é estar sujeito a uma depreciação não só por transgredir a heteronormatividade compulsória, mas por ser um corpo negro transgredindo tal normatividade, já que a homossexualidade é atrelada a feminilidade, o que vai ocasionar em diversos sofrimentos psicológicos.

Apesar dos estudos trazerem maior prevalência de transtornos mentais para as mulheres, segundo Silva e Melo (2021), é notória a presença de falsos negativos entre os homens, o que pode ser evidenciado pelo fato desses serem mais suscetíveis a cometer suicídio. Segundo dados do Ministério da Saúde (2018), os homens apresentam maior mortalidade por suicídio (79%), tendo como meio mais utilizado o enforcamento (66,1%), inclusive utilizando métodos mais letais, e, comparando os jovens negros e brancos, observa-se, entre 2013 e 2016, uma maior proporção de suicídios entre negros (pretos e pardos). Acredita-se que há subdiagnóstico, principalmente, considerando que esses reconhecem menos os sintomas.

Estudos encontrados, de acordo com Alves (2018), relacionam o perfil de saúde mental do homem a diversas condições negativas desde abuso de álcool até patologias consideradas mais graves como a depressão, o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), transtorno bipolar e a psicose. É possível identificar este padrão de transtornos relacionados ao homem negro,

principalmente jovem e de baixa renda, com maior propensão a ter depressão, sintomas mentais ligados a esquizofrenia, transtorno bipolar e o primeiro episódio psicótico (ALISSON, 2018).

Segundo dados do Atlas da violência (2017), os homens jovens, negros e de baixa escolaridade, representam um alto percentual de mortalidade no Brasil. Essa possibilidade real de morte, frequentemente vinculadas a questões como violência policial e drogas, acarreta nos indivíduos danos mentais, por existir uma forte tendência do poder público e também da sociedade, em associar o homem jovem negro e pobre ao crime.

Adentrando mais como o gênero/raça vai impactar na saúde mental desses homens negros, por estarem fora do padrão hegemônico de masculinidade, isto é, sendo gay e negro, esses indivíduos vão estar suscetíveis a duas forças que tendem colocá-los à margem. Conforme Carvalho (2014), os meninos negros recebem o estereótipo de mau aluno no contexto educacional brasileiro, sendo associados à rebeldia, à personalidade desordeira e violenta, sendo constantemente alvo de bullying, recebendo punições e castigos por indisciplina, o que também afeta seu rendimento escolar.

Abordar a questão da masculinidade e a saúde mental dos homens negros, considerando a intersecção de classe e sexualidade, é de suma importância para consolidar e agrupar os conhecimentos de maneira mais concreta a respeito dos possíveis impactos à saúde mental dos homens negros, na perspectiva da masculinidade imposta, no intuito de definir a necessidade de modificação ou de criação de condutas viáveis que possam dirimir tais danos. Desse modo, torna-se relevante que estudos realizados a respeito da temática da saúde mental de homens negros, em torno da masculinidade hegemônica, sejam realizados a fim de qualificar a assistência para os homens negros, no sentido de permitir a elaboração de estratégias adequadas, capazes de definir a necessidade de adoção ou alteração de condutas.

A partir desse contexto, surge esse trabalho com o objetivo de analisar as produções científicas acerca dos efeitos da masculinidade hegemônica na saúde mental dos homens negros.

Objetivo

Analisar as produções científicas acerca dos efeitos da masculinidade hegemônica na saúde mental dos homens negros.

Método

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que possuiu como questão norteadora: O que diz a literatura científica acerca dos efeitos dos padrões de masculinidades hegemônica na saúde do homem negro? A questão seguiu o formato PICOT com modificação para PICOD:

População (P) – Homens negros;

Intervenção (I) – Masculinidade Hegemônica; Comparação ou contexto (C) – saúde mental dos homens;

Efeitos (O) - quais os efeitos na saúde mental dos homens negros; Desenho (D) - estudo qualitativo do tipo revisão integrativa de literatura.

Foram selecionados artigos na íntegra, completos e livres; publicados em português e inglês em intervalo temporal aberto que abordassem a temática dos impactos impostos pela masculinidade hegemônica na saúde mental dos homens negros, de acordo com os descritores: Masculinidade, Saúde Mental, Saúde das Minorias Étnicas, Saúde do Homem e Masculinity, Health Mental, Health of Ethnic Minorities e Men's Health, pesquisados na National Library of Medicine (PubMed/Medline) e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS). Foram excluídos artigos repetidos, incompletos e apenas resumos, publicações em outra língua que não as delimitadas acima, trabalhos não disponíveis online e que fugissem da temática proposta.

A busca ocorreu através dos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) da BVS, sendo estes definidos em língua inglesa e portuguesa com o emprego dos operadores booleanos AND e OR, para a combinação, sendo a busca realizada da seguinte forma: Masculinidade AND (saúde mental OR saúde do homem OR Saúde das Minorias Étnicas), e também em inglês, a fim de abranger as pesquisas, da seguinte maneira: Masculinity AND (mental health OR men's health OR ethnic minority health).

Os dados selecionados dos artigos foram buscados nos itens autores, título, ano de publicação, revista, região de publicação, objetivos, metodologia e nas discussões que abordem os efeitos da masculinidade na saúde mental dos homens negros.

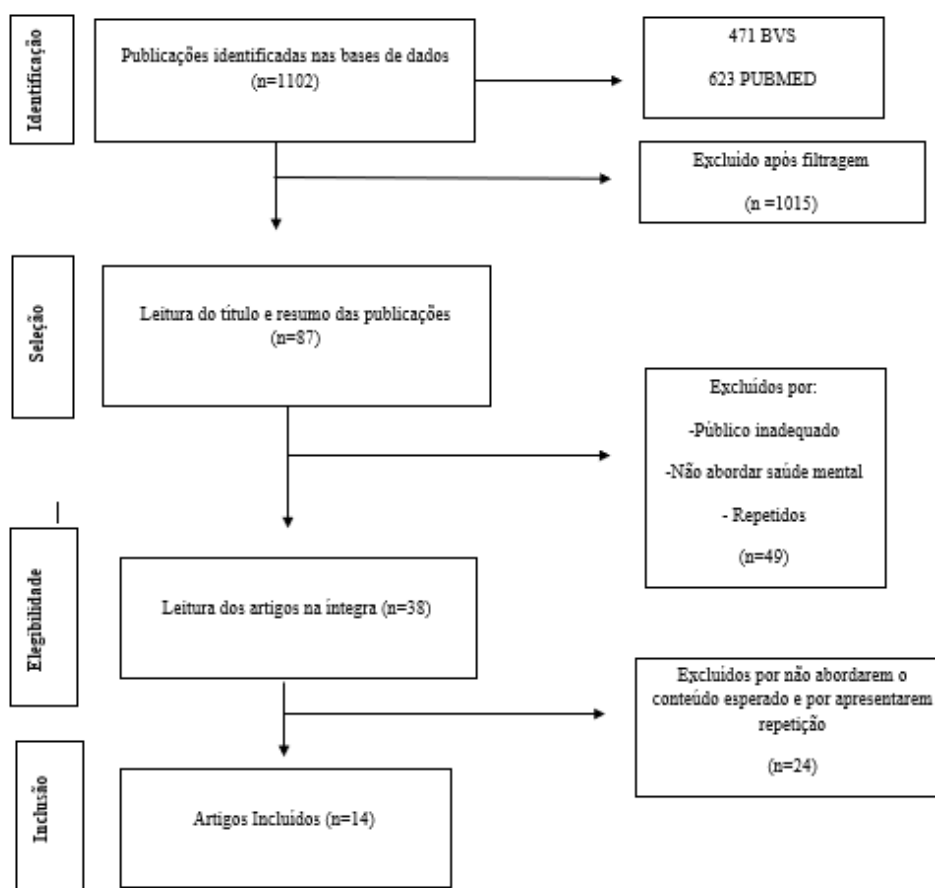
Após a extração dos dados, foi realizada exploração e tratamento do material associado a interpretação, a partir da organização das informações e sistematização das ideias centrais mediante a leitura, seguindo uma outra etapa de exploração do material que consistiu na agregação e classificação dos dados e elaboração de categorias. Essa forma de análise, segundo Minayo (1992), tem como objetivo estabelecer a compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, bem como ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisa.

Resultados e Discussões

Com o levantamento das publicações, utilizando os descritores, foram encontrados ao todo 1102 artigos, entre Junho e Outubro de 2022, dos quais se realizou a leitura dos títulos e resumo de 87. Foram considerados os critérios de inclusão e exclusão até chegar ao número final de 14 publicações selecionadas para a revisão. Em seguida, foi realizada a leitura que determinou a categorização das informações extraídas das publicações. Por meio da exploração do material selecionado, foram elaboradas categorias analíticas.

A sistematização da seleção das publicações nas bases da literatura científica está apresentada em um fluxograma (figura 1), com a descrição das etapas de busca e o quantitativo de publicações em cada uma das bases.

Figura 1 - Fluxograma PRISMA da seleção dos estudos acerca da temática.



Fonte: Criação do próprio autor.

Com base em critérios pré-definidos, foram selecionados 14 artigos que estão sistematizadas no quadro a seguir e sistematizados de acordo com autoria, título, ano de publicação, revista, objetivos e a metodologia. A partir da leitura exhaustiva dos artigos incluídos na íntegra, o quadro 1

os consolida e categoriza no intuito de facilitar a visualização das informações neles contidos, para assim, responder aos objetivos definidos

Quadro 1 - Publicações selecionadas nas bases de literatura científica, segundo suas características

Autoria	Título	Ano	Periódico/Fonte	Objetivos	Metodologia
King <i>et al.</i>	Expressions of masculinity and associations with suicidal ideation among young males	2020	Journal BMC Psychiatry	Examinar a associação entre ideação suicida e normas de masculinidade.	Estudo de coorte longitudinal.
World Health Organization	Mental health, men and culture: how do sociocultural constructions of masculinities relate to men's mental health help-seeking behaviour in the WHO European Region?	2020	Health Evidence Network Synthesis Report.	Revisar as evidências sobre os papéis das masculinidades em restringir a busca de ajuda para os problemas mentais na região europeia.	Revisão bibliográfica.
Hudson <i>et al.</i>	"Down in the Sewers": perceptions of Depression and Depression Care Among African American Men	2018	American Journal of Men's Health.	Reunir perspectivas a respeito da depressão e dos cuidados com a depressão entre a população afro-americana.	Estudo de coleta de dados por entrevista e grupos focais.
Sileo e Kershaw	Dimensions of Masculine Norms, Depression, and Mental Health Service Utilization: Results From a Prospective Cohort Study Among Emerging Adult Men in the United States	2020	American Journal of Men's Health	Lançar luz sobre o papel da masculinidade no comportamento de busca de saúde mental.	Estudo de coorte longitudinal.
Watkins <i>et al.</i>	An Online Behavioral Health Intervention Promoting Mental	2020	American Journal of Men's Health	Examinar os resultados de saúde mental, masculinidade e	Programa psicoeducacional YBMen.

Autoria	Título	Ano	Periódico/Fonte	Objetivos	Metodologia
	Health, Manhood, and Social Support for Young Black Men: The YBMen Project			apoio social de jovens negros na faculdade e avaliar suas experiências como participantes da intervenção YBMen (Young black men)	
King <i>et al.</i>	Stress Correlates Related to Depressive Symptoms Among Young Black Men in Southern California	2022	American Journal of Men's Health	Testar a associação entre experiências de vida estressantes e sintomas depressivos entre jovens negros e de baixa renda.	Entrevistas e questionários.
Hammond	Taking It Like a Man: Masculine Role Norms as Moderators of the Racial Discrimination–Depressive Symptoms Association Among African American Men	2012	American Journal of Public Health	Examinar a associação entre discriminação racial cotidiana e sintomas depressivos, avaliando o papel moderador das normas masculinas (emocionalidade restritiva e autoconfiança)	Estudo transversal.
Griffith <i>et al.</i>	Measuring Masculinity in Research on Men of Color: Findings and Future Directions	2012	American Journal of Public Health	Examinar a associação entre masculinidade e saúde mental de homens negros	Revisão de literatura.

Autoria	Título	Ano	Periódico/Fonte	Objetivos	Metodologia
				americanos com 18 anos ou mais.	
Andoh-Arthur <i>et al.</i>	Suicide among men in Ghana: The burden of masculinity	2018	Death studies journals	Alcançar uma compreensão acerca das circunstâncias psicossociais envolvidas em suicídios masculinos em Gana.	Estudo guiado por entrevistas.
Silva e Melo	Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?	2021	Revista Ciência e Saúde Coletiva	Caracterizar o sofrimento mental de homens e explorar elementos de seu cuidado.	Trata-se de uma revisão integrativa da literatura.
Griffith	The Interdependence of African American Men's Definitions of Manhood and Health	2015	Family & Community Health journal	Explorar como os homens afro-americanos definem masculinidade e saúde, e as implicações dessas definições para o comportamento de saúde e suas consequências.	Dando continuidade ao estudo Men 4 health, realizou-se o atual estudo com protocolo exploratório de grupo focal.
Powell <i>et al.</i>	Masculinity and Race-Related Factors as Barriers to Health Help-Seeking Among African American Men.	2016	Behavioral Medicine Journal	Testar um modelo hipotético que prevê barreiras na procura de ajuda em saúde para os homens	Os dados para este estudo foram retirados do Estudo de Saúde e Vida Social dos Homens Afro-Americanos

Autoria	Título	Ano	Periódico/Fonte	Objetivos	Metodologia
				afro-americanos, relacionando com as ameaças de identidade de masculinidade e com os eventos de estresse relacionado a raça.	(2007–2010). A identidade Racial foi avaliada com a escala de Centralidade de 8 itens do Inventário Multidimensional de Identidade Negra (MIBI).
McKenzie <i>et al.</i>	Men's Experiences of Mental Illness Stigma Across the Lifespan: A Scoping Review	2022	American Journal of Men's Health	Fornecer uma síntese de estudos qualitativos existentes explorando a natureza de gênero das experiências de estigma de doença mental masculina para identificar oportunidades para abordar lacunas de conhecimento para avançar no campo.	Trata-se de uma revisão de escopo
Watkins	Improving the Living, Learning, and Thriving of Young Black Men: A Conceptual Framework for Reflection and Projection.	2019	International Journal of Environmental Research and Public Health	Apresentar a estrutura conceitual para uma iniciativa de cinco anos destinada a melhorar a vida, o aprendizado e a prosperidade	Verificação e monitorização dos participantes do projeto YBMen.

Autoria	Título	Ano	Periódico/Fonte	Objetivos	Metodologia
				de homens negros por meio de um programa baseado em mídia social chamado Young Black Men, Masculinities, and Mental Health (YBMen). O objetivo do projeto YBMen era melhorar a saúde mental de jovens negros, expandir suas definições de masculinidade e melhorar seu engajamento no apoio social.	

Fonte. Criação do próprio autor.

Masculinidade hegemônica e sofrimentos mentais

De acordo com King et al. (2020), a construção do padrão hegemônico de masculinidade, a partir de uma perspectiva relacional de gênero, em que padrões sociais esperados de homens e mulheres surgem com o objetivo de diferenciá-los, acabam tornando-se normatizações que tendem a ser estereotipadas e internalizadas pelas pessoas. A partir da análise dos estudos selecionados, 10 deles foram capazes de correlacionar os impactos de alguns aspectos da masculinidade no processo do cuidado em saúde mental.

Sileo e Kershaw (2020) e Griffith et al. (2012) vão denotar que embora as mulheres sejam mais consistentemente relatadas como tendo maior risco de depressão, os homens são mais acometidos, só que subdiagnosticados, e, quando testada uma associação entre depressão e medidas de avaliação de gênero, no caso da masculinidade como emocionalidade restritiva, machismo e conflitos de papéis, tal associação mostrou-se positiva.

Essas experiências fazem com que os homens se sintam menos merecedores de cuidados, perpetuando a auto-estigmatização e a vergonha em torno da sua doença mental. Com isso, esse estigma e o receio de transgredir as culturas masculinas normatizadas pela força, independência e invencibilidade vão ser perpetuados principalmente em locais como trabalho e esporte profissional, que também podem se apresentar como locais de ação para intervenções (MCKENZIE et al., 2022).

A Organização Mundial de Saúde (2020), Griffith et al. (2012) e Silva e Melo (2021) vão apresentar que normas como dureza, antifeminilidade, controle emocional e racionalidade, são vistas como inibindo os homens de revelarem seus problemas de saúde mental. Desse modo, a masculinidade foi associada a alexitemia ou incapacidade de identificar ou descrever as emoções.

Mckenzie et al. (2022) e Silva e Melo (2021) concordam ao dizer que as masculinidades hegemônicas que idealizam os homens como fortes, autoconfiantes e saudáveis também subordinam os homens com doença mental como fracos, inadequados e pouco viris e, a partir disso, amplifica o estigma e impulsiona prejuízos como na procura de ajuda, adesão ao tratamento e etc. Seguindo ainda essas autorias, os relatos convergem para o temor que muitos homens possuem de seus pares descobrirem sobre sua ansiedade ou que recebem ajuda, ficando seu status social comprometido e suscetíveis de serem alvos de bullying, escárnio e exclusão.

Muitas vezes, como forma de salientar essa identidade masculina e induzir um senso de controle e liberdade maior, muitos homens costumam assimilar comportamentos de risco para si. Dos artigos encontrados, 6 deles estabeleceram uma relação entre masculinidade e envolvimento com comportamentos como abuso de álcool, uso de drogas, direção perigosa, violência domiciliar ou comportamento sexual de risco.

De acordo com King et al. (2020) e Silva e Melo (2021), os resultados para a violência, indicam que cada unidade de aumento em conformidade com a violência foi associada a 23% de chance maior de ideação suicida, e que a prevalência dos sintomas depressivos está associada a atitudes misóginas. Desse modo, homens que cometeram violência doméstica reportaram uma necessidade 2 vezes maior de cuidado em saúde mental.

Discutindo o uso abusivo de álcool e outras substâncias, os artigos que mostraram associação das formas de cuidado em saúde com comportamento de risco trouxeram o abuso de álcool como droga principal. O relatório de Gough e Novikova (2020) discorre que, para homens que sofrem de angústias mentais, a automedicação e o consumo excessivo de álcool ou outras substâncias é influenciada pelas normas de masculinidade e pela falta de serviços terapêuticos disponíveis, visíveis e informados sobre gênero, aos quais eles possam recorrer nesses momentos.

Silva e Melo (2021) e King et al. (2020) também apresentam essa associação positiva entre as normas de masculinidade e o uso de substâncias, além de exemplificar que muitas vezes tais comportamentos são ferramentas utilizadas pelos homens para lidarem com os estresses que esses ideais, normas e objetivos criam em suas vidas.

Fazendo um paralelo com isso, o estudo de Zanello e Silva (2012), realizado por meio da análise de prontuários de 2 grandes hospitais de serviço de saúde mental do Distrito Federal, traz o uso do álcool como meio de reduzir os estresses diários e facilitar o cumprimento dos papéis de gêneros definidos. Mas, além disso, traz que o uso do Diazepam assume o mesmo lugar na vida principalmente de pacientes do sexo feminino. O que nos revela também que, embora o uso desse medicamento não ocorra de forma consciente, as mulheres tendem a procurar mais ajuda do que os homens para queixas da sua saúde mental.

No estudo de Sileo e Karshaw (2020), os participantes homens que relataram qualquer uso de substância também eram menos propensos a ter utilizado os serviços de saúde e, sendo assim, com maiores possibilidades de endossarem normas de dureza, ficando mais vulneráveis a se automedicarem com substâncias do que a procurar ajuda profissional.

Utilizando os aspectos dos ideais de masculinidade como parâmetro, Griffith et al. (2012) fala da existência de uma associação não somente com uso de álcool, mas também com uso de esteroides. O uso de esteroides associou-se não somente com ideais de masculinidades, mas também noções de idealizadas de comportamentos sociais masculinos e aparência física.

Diversas vezes, os homens definem a saúde de forma ampla e relacionam com aspectos da sua vida que tem pouco a ver com sua saúde individual. Relacionam a ideia de saúde ao estilo de vida geral e bem-estar (beber e comer com moderação), engajamento com comportamentos saudáveis (atividade física, sono adequado) e com capacidade de cumprir papéis importantes como de provedor, pai e em ter emprego (GRIFFITH et al., 2015).

Por meio disso, o estudo de Andoh-Arthur et al. (2018), realizado através de entrevistas com familiares e amigos próximos de homens que tinham cometido suicídio, apresentou como fatores de risco para ideação suicida a perda da função de provedor financeiro, de bom pai ou a sua competência sexual. A priorização do sucesso no cumprimento de papéis sociais em detrimento da saúde mostrou-se decisivo nesse estudo, em que muitos homens relacionam a saúde como lidar com as responsabilidades com a comunidade, com o papel de provedor e etc.

Percebe-se que a adesão às normas dos ideais masculinos tem contribuído com as disparidades em saúde entre homens e mulheres (GRIFFITH et al., 2012). A socialização dos homens para serem fortes, resilientes, independentes e emocionalmente inexpressivos e para evitar a

fraqueza e a feminilidade contribui para o mascaramento de sintomas depressivos entre os homens, bem como para o atraso ou evitação da procura de tratamento.

De acordo com Mckenzie et al. (2022) e a Organização Mundial de Saúde (2020), as influências das normas tradicionais de masculinidade são marcadas por estereótipos masculinos de autoconfiança que podem impedir os homens a procurarem ajuda. Assim, os homens buscam menos os cuidados em saúde devido aos estigmas de fraqueza e dependência que os cercam, bem como ao medo de serem julgados e envergonhados por transgredir ideais masculinos e por serem vistos como fracos (MCKENZIE et al., 2022).

Powell et al. (2016) contribuem em como esse conjunto multidimensional de prescrições sociais, que compõe as normas de masculinidade, teoricamente encorajam os homens a evitar a procura de ajuda, exibir estoicismo emocional ou dureza, lidar autonomamente e manter um alto senso de controle mesmo em face de experiências de vida negativas, o que acarretará em prejuízos na saúde física e mental.

Assim, o estudo de Zanello e Silva (2012), apresenta uma notória diferença de prevalência tanto de sintomas quanto de transtornos mentais entre os homens e as mulheres. Dentre as mulheres, se destaca insônia, ansiedade, tristeza, choro, angústia, irritabilidade e depressão. Já no sexo masculino, destaca-se agressividade, agitação psicomotora, ideação suicida e alcoolismo.

Analisando esse estudo, houve uma prevalência de cerca de 70% da busca por ajuda, nos serviços, oriunda de mulheres, e estas apresentaram maiores taxas de transtornos de ansiedade e humor e demais transtornos mentais comuns (TMC), enquanto os homens apresentaram como 30% do público encontrado neste serviço de saúde mental e com maior prevalência de transtornos relacionado ao uso de substâncias psicoativas, incluindo álcool, transtornos de personalidade antissocial e esquizotípica, bem como hiperatividade.

Adentrando no que pode influenciar na menor procura por ajuda vindo de homens, Mckenzie et al. (2022) traz um aspecto não citado em outros artigos: os estigmas percebidos por homens no contato com profissionais da saúde em ambulatório de crise mental, onde relatam situações de estigmatização, julgamento, falta de empatia, atraso na resposta do serviço e foco na contenção, fazem parte do processo da não busca por ajuda.

Na literatura apontada, percebe-se relações entre os aspectos da masculinidade e como estes impactam na saúde e na busca por cuidado em saúde mental. A busca de ajuda psicológica é muitas vezes percebida como um ato feminino e estudos sugerem que os homens procuram ajuda para problemas de saúde mental somente quando percebem que é grave e não como medida preventiva.

Por conseguinte, pode-se notar poucas explicações sobre como na prática o acolhimento aos homens acontece, em especial pela baixa notoriedade que as realidades referentes aos sofrimentos mentais têm para os serviços de saúde, o que pode ser visto, tanto pela reduzida citação literária a respeito, quanto pela inexistência de estratégias que possibilitem oferecer um cuidado em saúde mental condizente à realidade dos homens.

Silva e Melo (2021) dissertam que, para além das normas de masculinidade que retardam a incorporação do autocuidado na saúde, os homens tendem a preferir utilizar serviços onde suas demandas são atendidas de forma mais rápida como prontos-socorros e farmácias.

Os achados de Mckenzie et al. (2022) e Silva e Melo (2021) concordam no papel dos profissionais de saúde nesse processo de busca por ajuda, destacando que gestos e ações produzidas pelos profissionais de saúde devem demonstrar sensibilidade à questão de gênero, uma atitude mais respeitosa, e ambientes mais receptivos e acolhedores aos homens, o que pode produzir um melhor efeito facilitador na expressão de emoções e na comunicação dos sofrimentos.

Assim, pondera-se para como as mudanças culturais nos ideais hegemônicos de masculinidade devem ser acompanhadas de uma incorporação desses valores nas práticas dos profissionais de saúde e na própria organização dos serviços, atentando-se para o que eventualmente se configura como barreira para os homens, bem como buscando criar estratégias que as contornam, ampliando mecanismos de acolhimento.

Masculinidade na saúde mental dos homens considerando classe, raça e sexualidade

Realizando uma intersecção entre diferentes aspectos, Griffith et al. (2015) revelam que a masculinidade impacta mais jovens, através dos anseios de sucesso percebidos em cumprir os papéis de provedor, marido, empregado, pai e membro da comunidade. Corroborando, Andoh-Arthur et al. (2018) trazem que atender as expectativas de um homem, tanto nessas necessidades materiais de riqueza, de esposas e de geração de filhos, quanto nas de dureza e bravura, podem fortalecer uma posição social; enquanto, deixar de atender a essas expectativas oferece um enfraquecimento dessa posição, associado ao estigma social e a danos psicológicos.

Dados do artigo de Gough e Novikova (2020) confirmam tal informação ao mostrar que tanto a ideação suicida quanto as tentativas de suicídio entre homens (e mulheres), apresentam uma correlação inversa com a renda familiar: a prevalência de ambas é menor entre os de maior renda e maior entre os de menor renda. Assim, austeridade econômica, desemprego, trabalho instável mal remunerado e dificuldades financeiras podem minar os papéis masculinos convencionais (ou seja, como provedor ou protetor), levando a dificuldades psicológicas.

Seguindo as informações dos estudos de Gough e Novikova (2020) em regiões onde mais homens avançam para o ensino superior, há uma maior tendência de esses procurarem ajuda para uma série de problemas. O grupo em condição de maior vulnerabilidade são os de homens com menos de 40 anos que vivem em família mista, não trabalham em formas tradicionais de emprego e têm benefícios sociais como principais fontes de renda, estando em risco de alcoolismo e distúrbios comportamentais.

Considerando os aspectos econômicos como um dos principais determinantes na demonstração da masculinidade, os homens tornam-se particularmente vulneráveis aos impactos negativos do desemprego, especialmente quando esse ocorre por longo período. A esse fenômeno associam-se sentimentos de vergonha, constrangimento e isolamento, uma vez que, os modelos ocidentais de masculinidade enfatizam a luta pelo poder, pela independência, controle e impossibilidade de ser vulnerável.

Os estudos de Andoh-Arthur et al. (2018) e Sileo e Kershaw (2020) revelam que alcançar controle econômico pareceu uma pré-condição para cumprir as aspirações masculinas. Logo, uma perda do controle econômico ocasiona frustrações e angústias, além de refletir no domínio familiar. Essa perda do papel provedor, as assimetrias no dever de cuidar dos filhos dentro de casa, mostrou um aspecto relevante como perda de virilidade.

Porém, o acometimento desses danos não ocorre de forma homogênea, Hudson et al. (2018) e Sileo e Kershaw (2020) concordam que os fatores associados à depressão, como desemprego, encarceramento, baixo nível educacional e baixa renda afetam desproporcionalmente os homens afro-americanos. Existem diferenças significativas na utilização de serviços de saúde mental entre afro-americanos e brancos. Os afro-americanos têm metade da probabilidade de usar os serviços para qualquer problema de saúde mental em comparação com os brancos.

Assim, o fator raça foi pelo menos citado em todos 14 artigos incluídos como determinante para interseção entre masculinidade e saúde mental. Os incidentes sociopolíticos subestimam as barreiras sociais e culturais que os jovens negros enfrentam, barreiras que são aplicadas por normas masculinas tradicionais e reforçadas por ideologias culturais racistas. Para os jovens negros, essas barreiras podem impedi-los não apenas de navegar com sucesso nos sistemas de justiça e educação, mas também de receber cuidados de saúde e serviços sociais de que precisam.

Quando comparados com outros homens raciais/étnicos, os jovens negros experimentam níveis desproporcionalmente mais altos de problemas de saúde mental devido à sua exposição a uma maior frequência e gravidade de estressores psicossociais ligados à raça.

Os achados de Gough e Novikoka (2020), Hudson et al. (2018), Watkins et al. (2020) e Silva e Melo (2021) sugerem em seus estudos que os efeitos combinados de raça e gênero podem colocar homens negros em taxas desproporcionalmente altas de desvantagem em uma infinidade de riscos como depressão, ansiedade e uso indevido de substâncias, e ressaltam que a procura de ajuda é menor em homens em grupos de minorias étnicas e de sexualidade não hegemônica.

King et al (2022), explicita que homens negros correm maior risco de depressão, mas manifestam sintomas depressivos de forma diferente (por exemplo dor, ataques de raiva, comportamento abusivo, excesso de trabalho) do que homens brancos, e muitas vezes são diagnosticados erroneamente como resultado.

Hudson (2018) ainda sugere motivos pelos quais a depressão pode ser subestimada em homens afro-americanos. De acordo com ele, devido às diferenças de gênero, no endosso de sintomas, falta de acesso a serviços de saúde mental, menor participação de homens afro-americanos em pesquisas e uma super-representação de homens afro-americanos em configurações institucionais. Watkins et al. (2020) ratificam isso ao revelarem o menor acesso aos serviços de saúde pelos homens negros e uma maior taxa de suicídio entre jovens negros.

Essa heterogeneidade na procura por ajuda por homens negros também foi enunciada em alguns artigos considerando a idade. Sileo e Kershaw (2020), King (2022), Griffith et al. (2015), Watkins et al. (2020) Griffith et al. (2012) ressaltam que tal relação foi mais forte entre os homens jovens e de meia idade e diminuiu entre os homens mais velhos (com 55 anos ou mais). Isto é, os danos dos padrões de masculinidade, principalmente, relacionado aos papéis sociais a serem desenvolvidos, vão ser mais pronunciados para homens jovens e de meia idade.

Ademais, enquanto alguns artigos trazem essa participação entre os danos para homens mais jovens em relação aos mais velhos, Watkins et al (2020), nos conta que para os homens negros, o início da idade adulta é um período em que eles se tornam cada vez mais conscientes de como as oportunidades educacionais, econômicas e sociais restritas são socialmente padronizadas por raça e gênero. Sendo assim, muitos jovens negros também enfrentam barreiras estruturais que contribuem para o baixo nível educacional, desemprego e subemprego, pobreza e falta de moradia – todos os quais têm sido associados ao aumento de risco em saúde mental.

Na tentativa de incutir uma discussão sobre os principais fatores que acarretam danos mentais maiores para os homens negros, Gough e Novikova (2020), King et al. (2022), Griffith et al. (2012), Watkins et al. (2020) e Sileo e Kershaw (2020) trazem que muito disso vem dos estressores moldados pela raça, não somente pelo gênero. Homens negros são propensos a encontrar estressores ambientais como discriminação e racismo que foram associados ao aumento dos

sintomas depressivos. Assim, de acordo com os autores mencionados, as dificuldades psicológicas vividas por homens de minorias étnicas estão ligadas à exposição à violência racial, estigmatização e preconceito.

Segundo Gough e Novikova (2020), ainda foram encontradas dificuldades na procura de ajuda por esse grupo que estavam ligadas as normas culturais (por exemplo, vergonha familiar associada a doença mental), exclusão social e experiências de preconceito e discriminação (por exemplo, racismo ou homofobia)

Powell et al. (2016) adentra essa discussão ao trazer que a estigmatização é o principal fator para a não busca por cuidados em saúde mental que ocorre pautados nas normas de masculinidades. Para homens afro-americanos, o estigma, a vergonha e o medo da doença mental, combinados com a desconfiança dos prestadores de serviços, levaram à desvinculação dos serviços de saúde mental.

Watkins et al. (2020) e Mckenzie et al. (2022) concordam ao dissertar que estigma em torno da doença mental, nas comunidades negras, combinado com as crenças sobre a masculinidade podem desencorajar duplamente os homens negros a buscarem cuidados e apoio para seus problemas. Isso significaria que os homens negros não apenas precisam lidar com as normas masculinas, mas também precisam decidir quais normas masculinas (negras ou hegemônicas) seguir para serem considerados homens.

Para além disso, quando se fala sobre as exigências masculinas impostas socialmente para os homens negros, esses são frequentemente estereotipados negativamente como hipermasculinos, hipersexuais e perigosos, e essas formas de discriminação têm como origem exclusivamente suas identidades raciais e de gênero (WATKINS et al. 2020).

Por fim, a sexualidade como outro aspecto interseccional também está intrinsecamente relacionada com os danos mentais oriundos das normas de masculinidade. Os achados de Gough e Novikova (2020), Griffith et al. (2012), Silva e Melo (2021) e Mckenzie (2022) imprimem a presença do estigma relacionado à orientação e à identificação sexual como preditor de sofrimento mental maior.

Silva e Melo (2021) dissertam que, além do fato de que os homens procuram menos auxílio para questões mentais do que as mulheres, há subgrupos de homens que tendem a acessar o auxílio menos do que outros. Esses autores observaram, em um estudo partir da aplicação de questionários com homens americanos, que os homens homossexuais reportaram maior necessidade de auxílio mental quando comparados com os não homossexuais. A respeito disso, Griffith et al. (2012) diz que para homens de cor que pertencem a grupos sexuais minoritários, as construções de

masculinidade são ainda mais complicadas por comparações e expectativas entre linhas de orientação sexual.

Concordando com isso, Mckenzie (2022) e o relatório de Gough e Novikova (2020), trazem que os estigmas relacionados à saúde mental seriam maiores para homens que estavam inseridos nas orientações sexuais minoritárias. Sendo assim, as experiências vividas por esses homens – homofobia, bifobia e medo de violência - reforçam os sentimentos de não pertencimento, marginalidade e exclusão social, o que acarreta em um cruzamento de sofrimentos mentais por não pertencerem aos ideais masculinos.

O relatório de Gough e Novikova (2020) explicita que as taxas de depressão, ansiedade e tentativa de suicídio são maiores em homens gays do que em homens heterossexuais, e ser vítima de bullying estaria fortemente ligado a problemas de saúde mental em jovens que são gays, bissexuais, transgêneros ou queer. No entanto, os jovens que praticam bullying também estão em risco de doença mental, uma vez que a violência contra os outros tende a resultar de experiências pessoais de agressão, exclusão social e desvantagem.

Conclusão

A leitura e sistematização dos estudos possibilitou determinar de que forma a masculinidade hegemônica é capaz de interferir na saúde mental dos homens negros, impactando nas formas de cuidado desse público. Percebe-se a produção de sofrimentos mentais a partir de uma interseção entre diferentes aspectos como raça, classe e sexualidade. A raça impactando tanto nas desigualdades socioeconômicas produzidas associada ao racismo, vivenciado cotidianamente pelos homens negros, quanto pelos ideais específicos que ditam a masculinidade para esse grupo.

A ampliação das formas de cuidado em saúde mental para os homens negros deve contemplar um debate público de combate aos efeitos danosos das normas de masculinidade, abordando as experiências cotidianas de discriminação racial que prejudicam suas motivações de busca de ajuda.

Futuras pesquisas qualitativas são necessárias para descobrir a natureza e os mecanismos da doença mental para grupos de homens negros ao longo da vida, incluindo outros aspectos, por vezes até mencionados, mas não tão bem explicados e comprovados como a influência da idade nesse processo de cuidado em saúde mental, da ruptura conjugal, de outros transtornos mentais para além da depressão e sua consequência mais grave que é o suicídio.

Apesar das limitações, esse estudo apresenta-se com um dos poucos capazes de reunir informações de forma sistematizada e categorizada acerca da saúde mental dos homens negros

considerando os padrões de masculinidade, apresentando uma análise das relações incluindo os aspectos raça, classe social e sexualidade.

Referências

ALVES, Isabella Nara Costa. **saúde mental do homem e construção das masculinidades na sociedade e na escola**. In: 4º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, IV., 2018, Recife. Anais... Recife: Realiza, 2018. p. 1-11.

AMARAL, Lucas Alves. **Mini curso Construindo masculinidades: gênero, raça, sexualidade e relações de poder**. 2. ed. Brasília: [S.N.], 2021. 20 p.

ANDOH-ARTHUR, Johnny et al. Suicide among men in Ghana: The burden of masculinity. **Death Studies**, v. 42, n. 10, p. 658–666, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Brasília, 2018.

GOUGH, B.; NOVIKOVA, I. **Mental health, men and culture: how do sociocultural constructions of masculinities relate to men’s mental health help-seeking behaviour in the WHO European Region?** [s.l.] World Health Organization. Regional Office for Europe, 2020.

GRIFFITH, Derek M. et al. The Interdependence of African American Men’s Definitions of Manhood and Health. **Family and Community Health**, v. 38, n. 4, p. 284–296, 2015.

GRIFFITH, Derek M.; GUNTER, Katie; WATKINS, Daphne C. Measuring masculinity in research on men of color: Findings and future directions. **American Journal of Public Health**, v. 102, n. SUPPL. 2, p. 187–194, 2012.

HUDSON, Darrell L et al. “ Down in the Sewers ”: Perceptions of Depression and Depression Care Among African American Men. **American Journal of Men's Health**, v. 12, p. 126-137, 2018.

KING, Keyonna M et al. Stress Correlates Related to Depressive Symptoms Among Young Black Men in Southern California. **American Journal of Men’s Health**, v. 16, n. 3, 2022.

KING, T et al. Expression of masculinity and associations with suicidality among adolescent males. **BMC Psychiatry**, v. 20, n. 228, p. 1–10, 2020.

MCKENZIE, Sarah K. et al. Men’s Experiences of Mental Illness Stigma Across the Lifespan: A Scoping Review. **American Journal of Men’s Health**, v. 16, n. 1, 2022.

MINAYO, MCS, organizadora. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: **Vozes**; 2016.

POWELL, Wizdom et al. Masculinity and Race-Related Factors as Barriers to Health Help-Seeking Among African American Men. **Behavioral Medicine**, v. 42, n. 3, p. 150–163, 2016.

QUEIROZ, V. L. Questões em "ser de lá": Notas (auto)etnográficas sobre masculinidade, homossexualidade, negritude e afetividade. **Novos Debates**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2021. DOI: 10.48006/2358-0097-7111. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/176>. Acesso em: 29 nov. 2021.

SILEO, Katelyn M.; KERSHAW, Trace S. Dimensions of Masculine Norms, Depression, and Mental Health Service Utilization: Results From a Prospective Cohort Study Among Emerging Adult Men in the United States. **American Journal of Men's Health**, v. 14, n. 1, 2020.

SILVA, Rafael Pereira; MELO, Eduardo Alves. Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 10, p. 4613-4622, out. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021>

WATKINS, Daphne C. et al. An Online Behavioral Health Intervention Promoting Mental Health, Manhood, and Social Support for Young Black Men: The YBMen Project. **American Journal of Men's Health**, v. 14, n. 4, 2020.

ZANELLO, Valeska; SILVA, René Marc Costa. Saúde mental, gênero e violência estrutural. **Revista Bioética**, v. 20, n. 2, p 267-279, 2012.